

A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA ACERCA DOS PARADIGMAS CULTURAIS NA SOCIEDADE PATRIARCAL

THE WOMAN IN THE WORLD OF WORK: AN ANALYSIS OF HISTORICAL ABOUT CULTURAL PARADIGMS IN PATRIARCHAL.

Luis Carlos Borges dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas características acerca da formação da mulher no mundo do trabalho. Para tanto apresenta algumas situações que norteiam o cotidiano das mulheres marcado por um paradigma machista, percorrendo brevemente o âmbito cultural e social nos séculos XIX e XX no mundo do trabalho feminino e na constituição do movimento feminista. No entanto, as principais questões abordadas neste artigo são: Quais os aspectos que devemos trazer à luz para entender os motivos do servilismo das mulheres diante a sociedade? Que fatores ensejaram as mudanças de paradigmas no mundo do trabalho em relação às mulheres evidenciados principalmente, no século XX? E, por fim, verifico as permanências históricas positivistas que ainda fundamentam a nossa sociedade.

Palavras-Chave: Mulher. Trabalho. Representações.

ABSTRACT

This article aims to present some characteristics about the training of women in the workplace. To do so presents some situations that guide the life of women marked a paradigm sexist, covering briefly the cultural and social context in the nineteenth and twentieth in the world of women work and the development of the feminist movement. However, the main issues addressed in this article are: What are the aspects that we must bring the light to understand the reasons for the subservience of women on society? What factors gave rise to paradigm shifts in the workplace against women evidenced mainly in the twentieth century? Finally, I note the historical continuities that still underlie the positivist society.

Keywords: Women. Work. Representations.

Introdução

Sabe-se que uma das questões que permeiam a sociedade atual diz respeito ao papel das mulheres no mundo do trabalho e a nova configuração social acarretada por mudanças que ocorreram, sobretudo, a partir do século XX. Se antes as mulheres tinham seu papel de fragilidade e submissão ao homem bem definido, hoje – embora o sexismo ainda permaneça – muito desses paradigmas preconceituosos foram quebrados.

Então, desenvolver a análise crítica da sociedade deve ser uma das preocupações básicas da educação formal para a construção da cidadania, uma vez que a educação empregada nas

¹ Acadêmico de História - Faculdade Porto Alegrense- FAPA - Rio Grande do Sul - E-mail: borges_simioni@ig.com.br

escolas tem a característica de proporcionar o resgate das questões sociais e valorizar as raízes no âmbito social.

Estudar o papel feminino no mundo do trabalho e suas problemáticas, em âmbito escolar, é proporcionar uma melhor compreensão das representações do cotidiano. Essa melhor compreensão e análise crítica acerca deste tema fazem com que a sociedade identifique e defina os valores das construções culturais que permeiam a História.

Parte-se do princípio constitucional que a educação é direito de todos e os educadores têm o dever de manter “vivo” o gosto pela curiosidade, aguçando e estimulando a capacidade de reflexão. Para tanto, lança-se mão de uma abordagem que considerasse as questões de gênero e que são caracterizadas pela desigualdade social e a opressão feminina, considerando-se oportunamente enfocar alguns aspectos ligados aos padrões culturalmente construídos.

Visa-se, com este trabalho, desconstruir a imagem de submissão da mulher ainda presente na sociedade, no que tange as questões do mundo do trabalho e, com isso, instigar a sociedade de maneira geral a uma reflexão crítica acerca da importância do trabalho feminino no decorrer da história da humanidade, esboçando as questões de gênero, de percepções e de sentimentos que caracterizam a desigualdade e opressão acerca da função da mulher trabalhadora no contexto contemporâneo.

As mulheres trabalhadoras na Grécia Antiga: o silêncio dos documentos e a submissão ao patriarcado.

Para iniciar este artigo, é importante deixar claro que a posição da mulher na sociedade capitalista se diferencia bastante da mulher e sociedades anteriores. Seu papel no mundo do trabalho sofreu as alterações necessárias à sua adequação ao modo de produção vigente. Utilizei, para fins dessa análise, a sociedade ateniense da Grécia Antiga como parâmetro de relação e aproximação histórica com a sociedade contemporânea.

Na sociedade primitiva² o trabalho doméstico exercido pela mulher era uma função pública tão necessária e importante quanto à atividade masculina de prover alimentos, uma vez que não existiam distinções sociais tão claras como nos dias atuais e que se produzia para a coletividade. Não havia uma hierarquização social nítida, tal como existiu no século XX e que, do mesmo modo, é presente atualmente, até que a troca passou a determinar o que é o trabalho produtivo. Nesse momento, a mulher torna-se inferior ao homem – na perspectiva do mesmo – por não produzir excedentes para a troca com o trabalho doméstico.

Com o aumento da riqueza, as mulheres passam a se submeter, tornarem-se dependentes, perdem seu prestígio econômico e social, passando o homem a ocupar o lugar mais

² Tradicionalmente chamada de Neolítica e Paleolítica.

importante na família e a controlar a propriedade. As mulheres passam a ser vista como frágeis, necessitando de proteção. Proteção esta que é conseguida através casamento. Embora continuassem a trabalhar em muitas áreas, tornaram-se marginalizadas.

Ao iniciar a busca por documentos e fontes que discorressem sobre as funções exercidas pela mulher no mundo do trabalho na Grécia Antiga, deparei-me com uma imensa dificuldade em encontrá-las, tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Esta dificuldade constatou a falta de documentação ou de interesse sobre o tema. Além disso, o pouco de produção historiográfica existente sobre o papel das mulheres descreve-as como tendo uma função restrita à vida privada; enquanto os homens tinham funções voltadas ao espaço público.

Devemos nos questionar: na sociedade grega as mulheres não tinham capacidade para exercer funções no âmbito público ou não tinham acesso aos veículos culturais que possibilitavam esse tipo de função? Quem era considerado “cidadão ateniense”? Por que a grande maioria de filósofos gregos é composta somente de homens, as mulheres não tinham capacidade de filosofar? Na verdade, temos mais perguntas do que respostas. Mas em uma análise histórica acerca dessa sociedade conseguimos perceber alguns fatores que respondem as perguntas acima referidas.

Desde pequenas as meninas atenienses tinham brinquedos que se referiam à vida que teriam como adultas fundamentalmente como mães e donas de casa, dedicadas à costura da lã, ao cuidado dos filhos e ao comando dos escravos domésticos. Quando chegavam à adolescência, as meninas participavam de cerimônias que as preparavam para o casamento que ocorria quando tinham seus doze a treze anos, passando logo após do matrimônio à posição de dona de casa. Já quando adultas, as mulheres atenienses mais abastadas, de modo geral, viviam reclusas virtualmente ao *gynaeceum*³ (aposento das mulheres) das casas de seus maridos. Os registros antigos, como, por exemplo, os vasos produzidos nesta sociedade, apresentam-nos as atividades exercidas pelas mulheres: trabalhavam como amas, vendedoras de ervas, fabricantes de guirlandas, entre outras atividades.

Portanto, fica evidente que a educação feminina era para o confinamento à vida privada e à dependência econômica para as meninas, ao contrário da educação que era direcionada aos rapazes. Esta consistia no estudo da filosofia, da poesia e da retórica, no conhecimento das letras e do treinamento para o serviço militar, voltada às atividades públicas.

Neste sentido, o modelo social patriarcal foi fundamental para aumentar ainda mais a omissão sobre o papel feminino naquela sociedade onde as mulheres eram relegadas em segundo plano, contribuindo imensamente para o silêncio documental sobre as mesmas restringindo o papel feminino à vida privada, fruto dos valores e das construções culturais vigentes naquele período.

³ Ver: GIORDANI, Mário Curti. **História da Grécia**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972

A mulher no mundo do trabalho no século XX: o rompimento de paradigmas e a sublevação feminista.

A exploração da mulher que antes era feita pelo marido, já que era sua escrava e dependia dele para tudo, passou, a partir da era industrial, a ser também feita diretamente pelo capital. Sua entrada no mercado ou no mundo de trabalho significou o rebaixamento do valor da força de trabalho e é por isso que interessa muito ao capitalista. Segundo Marx, em sua obra *O capital*:

O Senhor e, industrial, disse-me que só empregava mulheres nos seus teares mecânicos, que dava preferência às mulheres casadas e entre elas as que tinham família e casa, porque mostravam mais atenção e docilidade do que as celibatárias e trabalhavam até os esgotamentos de suas forças a fim de conseguir os meios indispensáveis às subsistências dos seus. (MARX apud, BEAUVIOR, 1989, p.55).

Já Beauvoir (1989), alguns anos mais tarde constatou que se os empregadores no século passado acolhiam as mulheres por causa dos baixos salários que elas aceitavam, o mesmo fato provocou resistências entre trabalhadores masculinos, com isso consolidaram-se os pré-conceitos existentes na esfera do trabalho. As concepções machistas da época fortaleceram os paradigmas da discriminação levando a mulher à condição de membro da família e não como produtora do trabalho. Enfim, com o consequente abaixamento dos salários, a concorrência entre os trabalhadores aumentou e, consequentemente, o homem discriminou, cada vez mais, as mulheres.

No caso do Brasil, muitas das raízes históricas imbuídas em nosso imaginário estão diretamente atribuídas às concepções da doutrina positivistas que foi a corrente política e ideológica que predominou do final do século XIX perdurando até meados do século XX⁴. Nessa concepção, as mulheres tinham o dever de formar as estruturas familiares, o seu papel seria através do seu afeto, estabelecer o princípio de amor no berço familiar.

As atribuições que essa sociedade encarregou às mulheres levaram-na a responsabilidade de moralizar a família, constituindo na base da estruturação da vida familiar, na qual era exemplo de mãe, esposa e filha, responsável pelo início de educação dos filhos e pela vigilância constante do comportamento masculino.

A necessidade de educar as meninas parece ser um dos grandes temas liberais da segunda metade do século XIX no Brasil. A educação das mulheres é muitas vezes vista como um toque de regeneração da humanidade⁵, visto que estes paradigmas do século XIX sofreram rupturas durante a sublevação da mulher em seu contexto histórico.

⁴ Para GODOY. A Republica gaúcha, de inspiração positivista, de certa forma colocou a capital do Estado como uma peça central do seu programa de governo. Não se pode esquecer também que o governo positivista se dispunha a por em prática um projeto de renovação cultural do Estado e que tinha na educação o seu ponto de apoio. (2000, p.27)

⁵ Ênfase semelhante encontrará no positivismo, pois o raciocínio dominante é simples: é preciso educá-las para que elas se transformem em boas mães de família, pois é no contato com a mãe que se forma o homem de amanhã. (SAINT-HILARE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do sul (1820-1821). Belo Horizonte, Itatiaia, 1974).

Evidentemente poderemos nos utilizar dos conceitos básicos próprios do marxismo, para levantar algumas questões que se considera pertinente aos modelos norteadores nas relações sociais.

Marx considera que:

A doutrina materialista que sustenta que os homens são produtos de circunstâncias e da Educação, portanto que os homens transformados são produtos de outras circunstâncias esquece que são precisamente os homens que se transformam as circunstâncias e que o próprio educador precisa ser educado. (1984, p.71).

Desde modo, tais colocações são de extrema importância para a compreensão das representações e ações das pessoas. Sobre o assunto, Marx e Engels destacam que “a emancipação da mulher e sua equiparação ao homem são e continuaram sendo impossíveis, enquanto ela permanece excluída do trabalho produtivo social e confinada ao trabalho doméstico, que é um trabalho privado”. (1974.p.182)

No entanto, essas novas condições nas quais as mulheres se encontram têm seus aspectos positivos, pois segundo ALBORNOZ: “A independência econômica é uma condição para a liberdade – tanto da ação como da reflexão e também do sentimento. Muitas vezes é condição para a manutenção da própria dignidade.” (1985. P.62). Não mais ficando restritas às atividades domésticas, no âmbito privado, as mulheres começam a ter um contato direto com o mundo, não mais mediado por seu marido ou filhos, interagindo, desta forma, diretamente com a realidade social.

Nessa nova condição, a mulher pode se apropriar dos veículos culturais que incitam sua emancipação, diferentemente de outrora na sociedade ateniense, objeto aqui de estudo, onde apenas os homens tinham direito a uma boa educação voltada aos “assuntos da cidade”.

O capitalismo marcou o retorno da mulher à economia de produção. Elas passaram a se perceber como seres humanos explorados, manipulados e inferiorizados em relação aos seus salários e as funções por elas exercidas. Sendo assim, a inserção da mulher no mundo do trabalho – “Seja através de uma atividade criativa, artesanal ou artística, seja através de um emprego nos diversos setores da moderna cidade organizada, transforma o modo de a mulher perceber a si mesma e ao mundo.” (ALBORNOZ, 1985, pg. 29).

Um dos fatores decisivos para a emancipação feminina foi, sem dúvida, essa tomada de consciência da sua importância na sociedade e a possibilidade de expressar seus sentimentos diretamente com o mundo.

Ao longo da história, diversas correntes filosóficas e religiosas defenderam a dignidade e os direitos da mulher em muitas e diferentes situações, no entanto, o movimento feminista remonta mais propriamente à Revolução Francesa. A convulsão desencadeada em 1789, além de pôr em xeque o sistema político e social, então vigente na França e no resto do ocidente, encorajou algumas mulheres a denunciar a condição de sujeição em que eram mantidas e que se

manifestava em todas as esferas da existência: jurídica, política, econômica, educacional etc.

A construção da Mulher: uma questão de gênero.

No entanto, a luta pela libertação do sexo feminino só tomou forma organizada, coletiva e política, nos movimentos feministas que surgiram no século XIX. Então, aparecem na Europa e nos EUA, movimentações das mulheres organizadas para reivindicar seus direitos. De modo geral, os movimentos feministas do século XX, mais propriamente o da década de 1970, representam apenas um estopim de um longo processo histórico, marcado pela opressão feminina.

A divisão sexual do trabalho e a distribuição do poder e do prestígio a ela associada é, portanto, uma construção sócio-cultural que afirma e “justifica” a presença de preconceitos em nome de uma inferioridade biológica. Apesar da eficácia das ideologias que naturalizam estes preconceitos, as mulheres estão cada vez mais suprindo as necessidades de suas famílias com o trabalho, lutar contra estas idéias estabelecidas de inferioridade é louvável, pois é nesse momento em que há a desconstrução dos preconceitos vindo de longa data.

Em uma reportagem publicada no Jornal Zero Hora com o título: *Mais mulheres chefiam famílias*, o jornal faz referências ao cotidiano das mulheres em sua vida social e pessoal, destacando que no Rio Grande do Sul a predominância de mulheres trabalhadoras vem crescendo desde a década de 1950. A reportagem traz um índice de *Mães no Comando*, onde no sul, o crescimento foi de 61,45% em relação ao Brasil, demonstrando estatísticas que trazem à luz a importância das mulheres na sociedade atual.

Segundo o geógrafo do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, Gervásio Neves aponta que :

Os arranjos familiares impensáveis no passado já são aceitos como rotina pelos brasileiros. Provando que o machismo está em baixa, o estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostra que, dos casais brasileiros, 28,8% assumem que o chefe da casa é a mulher. (NEVES, Gervásio. *Mais mulheres chefiam família*. Jornal Zero Hora. Porto Alegre. 10 de Setembro de 2008. Reportagem editada no caderno reportagem especial).

Então, sexualidade e trabalho são considerados pólos dinâmicos da atual luta das mulheres que estão intrinsecamente relacionados. Desfazendo os paradigmas machistas inserido pela permanência positivista. Para GODOY:

Na natureza feminina, segundo esta doutrina, o sentimento domina a razão. Então nada mais lógico do que dar à mulher uma participação fundamental na estrutura social, que tenha a ver com as características dominantes de sua própria natureza: a maternidade, o amor e o altruísmo. (2000, p.19)

Deste modo a mulher no mundo do trabalho deixou de ser vista, como uma dona de casa e passou a ocupar o mundo público⁶.

⁶ Michelle Perrot define a esfera pública, em oposição à esfera privada, como conjunto um conjunto jurídico ou consuetudinário dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania. Mas ele é, também, o local onde os homens e mulheres transitam se encontram ou se evitam. Deste modo, os lugares das mulheres nos espaços públicos foram sempre problemáticos, porque a mulher foi criada para a família e para

Para Suzana Albornoz a questão da mulher está voltada para um estereótipo que a sociedade criou: “Toda a propaganda é construída sobre a afirmação de que o destino ‘normal’ da mulher é o casamento e a maternidade. As que decidem outro caminho precisam vencer essas pressões, que ao longo de sua vida voltarão sob formas disfarçadas”. (1985. P 22),

De acordo com a autora, se a mulher assume uma relação permanente e constrói família, o seu trabalho passa a ser problemático, pois a sociedade as responsabiliza pelo cuidado e educação dos filhos.

A sociedade tem colocado as mulheres em situações difíceis, na maioria das vezes em desigualdades de condições fazendo emergir sentimentos de amargura, insatisfação e limitada autoconfiança. Ser respeitada e valorizada como pessoa e trabalhadora é desejo da maioria. As transformações pelas quais está passado o mundo de hoje exigem uma postura crítica da mulher.

Engajar-se no mundo do trabalho⁷ em seus aspectos positivos, representa segurança, independência e realização pessoal. O trabalho remunerado oferece à mulher a possibilidade de evoluir tanto na esfera social quanto individual.

A transmissão da ideologia sexista/machista dominante em nossa sociedade é, ao mesmo tempo, uma forma de expandir o conceito de “educadas”, pois os atributos que a sociedade às impõe, é para corresponder a uma imagem de mulher submissa, passiva e despolitizada, veiculando esta imagem aos princípios machista, a sociedade estará com a ordem estabelecida.

A situação da mulher na sociedade atual atravessa uma época de transição. Por um lado, temos a questão que diz respeito aos fatores econômicos e político e, por outro, há consciências de valores, critérios e estereótipos femininos que foram criados historicamente, que colocam a mulher em confronto com a situação de inferioridade. Mesmo assim, nossa sociedade ainda cultua mitos, fantasias e idéias falsas sobre as possibilidades e potencialidades do trabalho feminino.

Assim como as escolas, as estórias infantis, sobretudo os contos mais clássicos, oferecem uma série de exemplos sobre o imaginário preconceituoso que a sociedade machista atribui às mulheres, como por exemplo, da princesa Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida.

O padrão de comportamento de homens e mulheres refletidos nestas histórias é o seguinte: a bela, delicada, doce e indefesa mocinha encontra-se profundamente adormecida e há um belo e forte herói, de preferência nobre, que a encontra, desprotegida e cercada de perigos.

as coisas domésticas. Sua vocação é ser mãe dona de casa, e, deste modo, ela será benéfica para a sociedade inteira. A revolução francesa, enquanto marco de consolidação para uma democracia ocidental, significou um tempo de fundação no espaço público e contemporâneo, ela definiu o espaço público político para os homens e o privado, a casa e o coração pra as mulheres. (1998 p.07)

⁷ Helelith I.B.Saffiot (1976), faz uma análise acerca da mulher no mundo do trabalho capitalista, onde a autora apresenta certas dificuldades, nas relações de gênero. A autora enfatiza o elemento ideológico para regular, segundo as necessidades do aparato reprodutivo, o grau e a qualidade da absorção da força de trabalho feminina por parte do aparato. A produção constitui, pois segunda a autora o momento determinante, em ultima instancias, da condição social da mulher.

Ele se apaixona pela sua beleza e fragilidade; e ela está salva, pois tem a sua proteção. Dentro desse exemplo, podem-se observar os ideais machistas que permeiam a sociedade na qual foram produzidas estas estórias, e na sociedade atual que perpetuam esses ideais transmitindo as mesmas.

No movimento social feminista, a partir da década de 1970, começou-se a usar o conceito de gênero para designar a construção social da feminilidade e da masculinidade. Para a melhor compreensão do conceito de gênero, devemos diferenciá-lo do conceito de sexo.

Segundo Beauvoir (1980), sexo refere-se a um conjunto de fatores biológicos e gênero a um conjunto de fatores sociais e culturais. Para exemplificar, podemos dizer que no Brasil e no Oriente Médio, as diferenças sexuais entre mulheres e homens são as mesmas, no entanto as relações de gênero que se estabelecem nestes dois lugares são extremamente diferentes.

Ressaltando-se que as relações de gênero não variam apenas de um povo para outro culturalmente diferente, mas dentro de uma mesma sociedade, elas mudam de acordo com suas classes sociais. Por isso que a situação das mulheres é muito diferente entre si, mesmo que todas vivenciem certo grau de opressão e discriminação.

A categoria gênero vem sendo utilizada com o propósito de se fazer ou desconstruir a ligação entre as mulheres e a natureza, e com isso viabilizar a igualdade entre homens e mulheres. Assim, o conceito de gênero está fundamentando a luta das mulheres e já reflete importantes avanços alcançados em matéria de educação, trabalho, saúde, auto-estima e participação social

Concluindo

Por fim, é importante ressaltar que a desconstrução das desigualdades baseadas nas diferenças sexuais é um projeto que faz parte do movimento pela consolidação dos Direitos Humanos e para que se construam condições para o pleno exercício da cidadania para todos e todas.

Nesse sentido, podemos verificar através de uma análise histórica, sociológica, antropológica, em que pesem as diferenças sexuais biológicas existentes entre as mulheres e os homens, que grande parte destas diferenças entre ambos os sexos foi construída historicamente tratando-se de uma questão de gênero.

É interessante observar que os preconceitos sobre o papel da mulher no mundo do trabalho estão associados a paradigmas construídos na formação intelectual do indivíduo, pois se analisarmos as representações sobre o feminino, observaremos que o machismo está operante desde os primórdios da educação.

Deste modo, pode-se concluir que a imagem de submissão da mulher é uma construção

que está presente até mesmo no âmbito escolar – que, por princípio, deveria ser um *lócus* de desconstrução de preconceitos. A visão histórica com a qual trabalham nossas escolas tem como base uma ótica masculina, baseada em grandes feitos e segundo as perspectivas dos grandes homens vencedores. Por sua vez, as minorias sociais – mulheres, negros, índios etc. – são omitidas e a trajetória das descobertas humanas é apresentada de forma descontextualizada, desprovida da visão processual que envolve a participação das mulheres.

Para tanto a educação das mulheres deve ser vista sob um duplo ângulo: a mulher é discriminada pela educação, mas também reproduz a discriminação, enquanto é ela que educa, na família, e em grande parte, na escola.

Não surpreende o fato das mulheres estarem colocadas, segundo Beauvoir, em dois ângulos, pois sua secular opressão está atingindo-as não só em suas relações de trabalho, mas na raiz de sua vida privada. Hoje as mulheres são solicitadas a trabalhar fora muitas vezes para atender as necessidades de sobrevivência da família, vimos que esta atitude rompe com as formas atribuídas a elas nos séculos anteriores.

Desconstruir este imaginário sobre a mulher passiva e submissa está em um processo de socialização que leva à expansão dos espaços que abrangem o masculino e o feminino e tem inicio na infância. De fato os brinquedos infantis demonstram esta divisão, onde os meninos ganham de seus pais, carrinhos, aviões e revólveres, ao mesmo tempo em que as meninas ganham vassouras, panelinhas e bonecas, os brinquedos infantis prenunciam claramente os atributos as esferas de cada sexo.

Devemos ressaltar o caráter social das construções destas esferas representativas, e chamar a atenção para a eficácia da constituição e institucionalização de ideologia que um simples brinquedo expressa, uma vez que isso reflete na formação social das mulheres e dos homens.

Logo, não é somente nos brinquedos que se vêem as origens da exclusão, o papel feminino é complexo na sociedade machista. A identidade de gênero é moldada por relações sociais complexas e dinâmicas, nas relações culturais dos homens e das mulheres o feminino parece ter sido sempre o menos valorizado.

Referências

- ALBORNOZ, Suzana. *Na condição de mulher*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva: Discurso sobre o espírito positivo; Discurso*

preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ENGELS, F. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**, Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1974.

FONSECA, Tânia Mara Galli. ***Gênero, subjetividade e trabalho.*** Petrópolis: Vozes, 2000.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da Grécia.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972

GODOY, Letícia Azambuja. ***O Instituto de Educação Doméstica e Rural da Escola de Engenharia de Porto Alegre: uma escola-lar (1920-1934).*** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGEd/FACED/UFRGS, 2000.

MARX, Karl - A Ideologia Alemã: Teses sobre Feurbach. São Paulo: Moraes, 1984

PERROT, Michelle. ***As mulheres ou os silêncios da história.*** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SAFFIOTI. H.I.B. **Trabalho Feminino e Capitalismo.** Perspectiva, 1976

SAINT-HILARE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do sul (1820-1821).** Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.